



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPEs – LATINDEX
Nº. 13 – Ano VII – 05/2018
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

PRÁTICAS SOCIAIS DE LINGUAGEM NO TRABALHO EDUCATIVO COM O JORNAL ESCOLAR: GÊNEROS, INTERDISCURSO E DIALOGISMO

Prof. MSc. Renato Pereira Aurélio
Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
Doutorando em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação
Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG
Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Espírito Santo - IFES - Brasil
<http://lattes.cnpq.br/0139264188166274>
E-mail: renato.aurelio@ifes.edu.br

Resumo: Este artigo tem como objetivo propor uma reflexão sobre as potencialidades do trabalho educativo com o jornal escolar, visando ao aperfeiçoamento das práticas de ensino de Língua Portuguesa, tomando por base o caráter social e dialógico da linguagem que constitui os gêneros discursivos presentes neste suporte. Primeiramente é feita uma revisão bibliográfica sobre os conceitos aqui abordados, considerando-se o estado da arte sobre as temáticas em discussão. Assim, para falar sobre o texto jornalístico e a escola, amparamo-nos nos postulados de Freinet (1974) e de Bonini (2011), bem como, nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – PCNEM (BRASIL, 2000) acerca dessa temática. Sobre a linguagem como prática social, adotamos os postulados de Kleiman (2006) e Bazerman (2006). O estudo abrange também alguns conceitos importantes como gênero discursivo, dialogismo e interdiscurso. Tal abordagem é feita a partir das contribuições de Fiorin (1990), Maingueneau (1993), Orlandi (1999), Marcuschi (2002) e Bakhtin (2006). Em termos metodológicos, utiliza-se a perspectiva qualitativa (Lakatos e Marconi, 2001). Desse modo, são apresentadas duas experiências de trabalho com o jornal escolar desenvolvidas no IF Baiano (2014 a 2015) e no IFES (2015 a 2016). Com esta iniciativa, procura-se evidenciar o caráter dialógico e interdiscursivo destas práticas e suas contribuições para o

desenvolvimento da proficiência dos educandos nos quesitos leitura e produção textual.

Palavras-chave: Jornal Escolar; Linguagem; Dialogismo; Leitura e Produção de Textos.

Introdução

O presente estudo é fruto das reflexões em torno da leitura e produção de textos, considerando-se a necessidade de implementação de práticas significativas por parte da escola. O interesse em levantar tal discussão surgiu no âmbito da disciplina Teorias Contemporâneas do Discurso, em que se tornou possível vislumbrar algumas contribuições desta área para a implementação do meu projeto de doutorado em Estudos de Linguagens no Posling/CEFET-MG.

Tomando o jornal escolar como um suporte e os gêneros do referido domínio discursivo como elementos motivadores para a escrita, procura-se, aqui, discutir sua relevância para a formação de leitores e produtores de textos situados em um contexto sociocomunicativo.

No século XXI os recursos midiáticos representam uma constante na sociedade, contribuindo para a propagação da informação e da cultura, em níveis local e global. Meios mais tradicionais como jornais e revistas impressos, assim como outros mais modernos, pautados em avançadas tecnologias, a exemplo da televisão, do computador e do smartphone (especialmente com acesso à internet), constituem formas de entretenimento e de acesso às informações.

Por tais motivos, merecem ser considerados pela escola como recursos didáticos em potencial. A instituição escolar, em vez de ignorar os avanços da sociedade, deve monitorar seus desdobramentos, adotando aquilo que for pertinente para os processos de ensino-aprendizagem. Em meio à influência do domínio jornalístico no contexto social, defende-se, neste trabalho, o uso do jornal escolar como dispositivo para os processos de leitura, reflexão e produção textual.

Ao abordar as relações entre o texto jornalístico e a atividade escolar, amparamo-nos nos postulados de Freinet (1974) e de Bonini (2011), assim como, o que dispõem os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – PCNEM (BRASIL, 2000) acerca dessa temática. Tomando a linguagem como prática social, adotamos os postulados de Kleiman (2006) e Bazerman (2006).

Considerando-se esta concepção interativa da linguagem, o estudo abrange também alguns conceitos importantes como gênero discursivo, dialogismo e interdiscurso, a partir dos postulados de Fiorin (1990), Maingueneau (1993), Orlandi (1999), Marcuschi (2002) e Bakhtin (2006).

Ao final são apresentadas duas experiências de trabalho com o jornal escolar. A primeira, desenvolvida no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano) – Campus Teixeira de Freitas, entre janeiro de 2014 e março de 2015, quando eu atuava naquela instituição. Naquela ocasião, desenvolvi com os alunos o *Projeto Informativo do Campus Teixeira de Freitas*, aprovado na chamada de pesquisa e extensão 01/2014 do PIBIC/ CNPq – Ensino Médio.

A segunda experiência foi desenvolvida no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES) – Campus Montanha, a partir de abril de 2015, quando solicitei a transferência para aquela instituição. No IFES, o jornal foi intitulado *Informativo do Campus Montanha*, vinculado ao *Projeto Comunicação, Novas Tecnologias e Protagonismo Juvenil*, que está em andamento, com a atuação de alunos voluntários, selecionados pelo edital n.º 01/2015.

O jornal e a atividade escolar

O interesse da escola pelo trabalho com o jornal escolar vem aumentando nos últimos anos devido a diversos fatores. Dentre eles é possível citar o considerável desenvolvimento dos meios de comunicação, sejam impressos, audiovisuais ou digitais, que, por sua vez, têm contribuído sobremaneira para o acesso da população às informações locais, nacionais e internacionais. Nesta linha, as abordagens sobre o potencial do uso do jornal na escola tem influenciado a adoção de propostas curriculares voltadas para esta temática.

A escola divide cada vez mais a formação dos alunos com os meios de comunicação. O fato não é levado suficientemente em conta, o que explica grande parte das dificuldades que a educação encontra (a escola fala de um mundo, o aluno vive em outro). Para não perder relevância a escola deve se ver como protagonista do mundo da comunicação, pois quando o professor interage com o aluno, está interagindo com uma cultura formada, em grande parte, pelas mídias (UNICEF, 2008, p. 01).

Bonini (2011, p. 150) aponta o jornal escolar como instrumento metodológico para os projetos didáticos. De acordo com o autor, a “relação privilegiada com essa metodologia deve-se à importância social do jornal, a sua tecnologia de relativamente simples implementação, e às possibilidades de autoria e protagonismo que ele oferece a alunos, professores e comunidade escolar de modo geral” (p. 150).

Já na década de 70 o educador francês Celestin Freinet alertava para a necessidade de superação dos métodos de ensino pautados no tradicionalismo. Para o autor, era preciso renovar as práticas pedagógicas, considerando-se as demandas impostas pela modernidade. Uma crítica presente no discurso de Freinet dizia respeito à resistência da educação em acolher as transformações e efetivamente implementá-las.

A técnica dos manuais, dos deveres e das lições, está hoje ultrapassada, como o foi a técnica do manuscrito e da pena de pato. Porém, os velhos hábitos, inscritos no modo de vida e na tradição, obstinam-se em sobreviver (...) Em educação, a revolução é ainda mais lenta e laboriosa do que nas outras técnicas de trabalho; as pessoas têm tendência em impor às gerações que se lhes seguem os mesmos métodos que as formaram, ou deformaram. A cultura tradicional continua obstinadamente baseada num passado caduco e trava as forças inovadoras que dinamizam o avanço. (FREINET, 1974, p. 12).

Freinet acreditava na superação dos paradigmas da pedagogia tradicional. Desse modo, seria possível transformar os métodos e utensílios utilizados pela escola. Dentre os pilares defendidos por esse autor, é possível destacar: i) o texto livre, expressão natural inicial da vida infantil e ii) a observação e a experiência enquanto dispositivos basilares para as aquisições de conhecimento. O jornal escolar seria, assim, um utensílio de trabalho para promover a motivação superior, possibilitando a expressão livre, a observação e a experiência.

Outra crítica feita por Freinet diz respeito ao uso do gênero redação, que, para o autor, é artificial, desprovido de sentido e de um objetivo, que não a avaliação pelo professor. De fato, por não visualizarem finalidades práticas em torno da produção textual, os estudantes poderão se sentir desmotivados para a escrita. O estabelecimento de objetivos concretos para a produção colabora para o desenvolvimento da escrita, da oralidade, da ortografia, entre outros.

Se numa aula a redação não serve senão para ser corrigida e classificada pelo professor, se este está persuadido de que a criança não sabe pensar pela sua cabeça nem é capaz de criar e que precisa de se alimentar das riquezas do professor, este receberá sempre "os deveres", mas nunca terá "obras" susceptíveis de serem o testemunho de uma personalidade. (idem, p. 21).

O jornal escolar deve ser uma produção original dos alunos, veiculando temas do seu interesse, e não as imposições dos adultos. É constituído por normas específicas, que demandam esforços de professores e alunos envolvidos. Neste sentido, não poderia pretender imitar os jornais tradicionais ou mesmo substituí-los. Freinet afirma que o jornal deve ser bem impresso; ajustado, com simetria de linhas; livre de incorreções ortográficas e gramaticais; e ilustrado.

Para este autor, o jornal escolar é um inquérito permanente, que nos coloca à escuta do mundo, estabelecendo-se como uma janela ampla, aberta sobre o trabalho e a vida. Dentre as vantagens apontadas pelo autor, a preocupação com a formação humana e cidadão merece destaque em seu método. O uso, pois, desse utensílio deve estar a serviço do desenvolvimento das práticas educativas que valorizem a autonomia dos alunos.

Tomando como base estes pressupostos, é preciso refletir sobre práticas pedagógicas capazes de motivar o estudante no processo de produção textual. Deste modo “o aluno poderá expressar-se livremente, considerando os aspectos ideológicos da sociedade, através da observação, discussão, questionamentos e conclusões sobre diversos assuntos presentes no espaço educativo, conforme os componentes curriculares” (AURÉLIO, 2014a, p. 05). A este respeito, Sobreiro (2014) afirma que

O uso do jornal na sala de aula vem ganhando espaço no Brasil. De um lado, existem as iniciativas mantidas por empresas jornalísticas; de outro, uma rede independente de ações realizadas em escolas a partir da iniciativa pioneira de professores, jornalistas e estudantes. Em todos os casos, porém, percebe-se nitidamente a existência de um movimento cujo objetivo é utilizar o potencial dos meios de comunicação, democratizando-os e oferecendo oportunidade de expressão a crianças, jovens e adultos (SOBREIRO, 2014, p. 02).

Na década de 1990, as discussões em torno de uma renovação nas práticas de ensino de Língua Portuguesa, assim como dos demais componentes curriculares, ganharam destaque. Com a edição dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – PCNEM (BRASIL, 2000), consolidou-se o discurso

sobre estratégias metodológicas que tomassem o texto como ponto de partida para a reflexão sobre o uso da linguagem no dia a dia.

A despeito da competência textual dos estudantes, o documento discute sobre a necessidade de se adotar em sua prática os gêneros discursivos, ficcionais ou não-ficcionais, que circulam socialmente. “(...) no jornalismo, a nota, a notícia, a reportagem, o artigo de opinião, o editorial, a carta do leitor” (idem, p. 77) constituem alguns exemplos. Parte-se da perspectiva teórica defendida por Travaglia (2001), para quem:

[...] o texto é uma unidade lingüística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor e ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente de sua extensão (TRAVAGLIA, 2001, p 67).

O trabalho com gêneros do campo jornalístico é importante, pois permite ampliar não apenas o léxico, mas também a capacidade de interpretação da realidade política a que os alunos estão submetidos, nos contextos municipal, estadual e nacional. Tal atitude demanda um trabalho interdisciplinar, uma vez que jornais e revistas veiculam textos com temáticas diversificadas, podendo envolver Matemática, Biologia, Geografia, Língua Portuguesa, dentre outras disciplinas.

Ao se abordar, por exemplo, os conceitos denotação e conotação, o confronto entre o texto jornalístico (mais denotativo) e o literário (mais conotativo) auxiliará aluno e professor na reflexão sobre as categorias presentes nos gêneros de cada domínio discursivo. “Vale lembrar que, apesar de seu valor informativo-referencial, o texto jornalístico, em alguns momentos, comporta a conotação, assim como o texto literário, em sua natureza polissêmica, também dá lugar à denotação” (BRASIL, 2000, p. 59).

É papel da escola e do professor possibilitar que os educandos desenvolvam capacidades para além das práticas mecanicistas em torno de uma teoria gramatical, adotando, pois uma “prática de escuta, de leitura e de produção textual (oral e escrita), articulada com a prática de análise linguística (prática de reflexão sobre a linguagem; ou seja, um outro objeto de ensino e não um novo termo para o ensino de teoria gramatical)” (RODRIGUES, 2008, p. 171).

Isto implica que, na sala de aula, o aluno tenha acesso a textos que circulem fora do ambiente escolar, para que reconheça a sua relevância social e os relacione com os conteúdos dos diferentes componentes curriculares. Respeitando-se a importância de suportes como o livro, é necessário garantir ao estudante, também, o manuseio e a análise de textos presentes em outros suportes, como a revista, o jornal, o outdoor etc.

Leitura e produção de textos: linguagem como prática social

As práticas de linguagem devem favorecer uma atmosfera crítica em sala de aula, a fim de que o aluno compreenda as relações sociais e de poder que se estabelecem no meio em que vive. Em se tratando do ensino de Língua Portuguesa, por exemplo, é preciso ir além das atividades estanques propostas pela gramática normativa. O conhecimento crítico constitui-se como dispositivo elementar para uma participação democrática dos sujeitos.

Um dos papéis mais importantes da escola é estimular o desenvolvimento de um conhecimento crítico, para que os estudantes sejam capazes de situarem-se no mundo, interferindo na realidade. Além de incentivar as atividades de leitura e escrita não controladas, isto é, para o deleite e a fruição, a escola deve propor situações em que o aluno possa exercitar “as práticas sociais de compreensão e produção de textos, orais ou escritos, a fim de desenvolver a capacidade de analisar e refletir sobre a língua em situações significativas, considerando-se os gêneros recorrentes na escola e na sociedade” (AURÉLIO, 2014b, p. 145).

Os processos de análise e reflexão sobre o uso da língua vai além da decodificação, assumindo contornos de um letramento, entendido “como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos para objetivos específicos” (KLEIMAN, 1995, p. 19). É preciso refletir, também, sobre o uso da leitura nas práticas sociais. Para Martins (2004, p. 31) existem diversas concepções de leitura, de modo que a adoção de uma delas em uma determinada proposta pedagógica implica reconhecer ou não o caráter social da linguagem.

Nas palavras da autora, a leitura pode ser compreendida “como uma decodificação mecânica de signos lingüísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana)”; ou “como um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica)”. Para esta proposta ora apresentada, interessa esta segunda concepção.

De acordo com Bazerman (2006) o potencial da linguagem escrita deve ser mais explorado pela escola, tendo como objetivo tornar as pessoas competentes para participarem de uma sociedade letrada e complexa. Sabendo-se que a escrita possui um caráter de agência, é preciso considerar as perspectivas dinâmica e interativa dos gêneros textuais, os quais são utilizados pelas pessoas de maneira efetiva no cotidiano. De acordo com o autor

se reconhecemos os estudantes como agentes, aprendendo a usar criativamente a escrita dentro das formas interacionais tipificadas, mas dinamicamente cambiantes que chamamos de gêneros, eles virão a entender o poder da escrita e serão motivados a fazer o trabalho árduo de aprender a escrever efetivamente. (BAZERMAN, 2006, p. 11)

Muitas práticas de ensino de escrita ainda mantêm uma postura tradicional, voltadas para o treino através de textos artificiais, isto é, que não serão lidos por um interlocutor concreto. Tal atitude “pode levar as pessoas a pensar que toda escrita é como a escrita da escola. Esse pensamento se destaca como um obstáculo à introdução dos alunos nos muitos usos da escrita com propósitos outros que não os da escrita da escola” (idem, p. 13).

A este respeito é necessário refletir sobre o uso dos gêneros discursivos na escola, pois, “são as situações sociais, com objetivos sociais e com modos sociais de interação, as que determinam, em grande medida, os tipos de atividades que podem ser realizadas, que tipo de contextos podem ser construídos pelos participantes, quais são as interações possíveis” (KLEIMAN, 2006, 25). Com relação ao uso do jornal escolar, por exemplo, é interessante que os alunos tenham liberdade para escolher os gêneros e temas que pretendem abordar.

O trabalho com o jornal pode trazer inúmeros benefícios, como o diálogo entre as comunidades interna e externa. Através dos textos veiculados no periódico,

a sociedade pode acompanhar as ações realizadas pela instituição, sob a ótica dos alunos, enquanto protagonistas do processo criativo.

Os jornais também ajudam a formar o cidadão, contribuindo para que os leitores entendam seu papel na sociedade, e na formação geral do estudante, pois amplia o nível cultural dele, além de desenvolver suas capacidades intelectuais. A leitura das publicações se relaciona à necessidade dos alunos de comentar, debater e discutir assuntos tratados pela população em geral, fornecendo informações necessárias para orientar a vida política e social dos leitores (FARIA, 2006, p. 20).

Kleiman (2006, p. 33) afirma que "é a prática social que viabiliza a exploração do gênero, e não o contrário". Neste sentido, uma proposta de ensino de Língua Portuguesa contextualizada, que tenha como ponto de partida o suporte jornal e seus respectivos gêneros, leva o aluno a refletir sobre os usos sociais da leitura e da escrita, de maneira que haverá mais interesse para a pesquisa e produção dos textos. "O jornal passa a ser um material didático autoproduzido que permite realizar exercícios de leitura crítica (debates sobre temas abordados), revisão, aprimoramento de textos e reescrita (UNICEF, 2008, p. 01)".

Gêneros textuais, dialogismo e interdiscurso

De acordo com Marcuschi (2002, p. 25). "os gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos". Ancorados por suportes¹ convencionais (livros, internet, revistas, jornais etc.) ou incidentais (pele humana, rótulo, muros etc.), os gêneros constituem-se por diferentes formações discursivas, a depender do lugar em que é formulada a enunciação. Os textos não são homogêneos, mas dotados de uma heterogeneidade constitutiva, que dá vasão ao interdiscurso.

Não é a dimensão que distingue uma unidade da língua de um enunciado, pois este pode ir desde uma réplica constituída de uma única palavra (por exemplo, "não") até uma obra em vários volumes. O que os diferencia é que

¹ Marcuschi (2003, p.8) conceitua suporte textual como um "*locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto". Os suportes, em sua diversidade, acolhem gêneros específicos e podem revelar divergentes modos de leitura e práticas discursivas.

o enunciado é a réplica de um diálogo, pois cada vez que se produz um enunciado o que se está fazendo é participar de um diálogo com outros discursos. O que delimita, pois, sua dimensão é a alternância dos falantes. Um enunciado está acabado quando permite uma resposta de outro. Portanto, o que é constitutivo do enunciado é que ele não existe fora das relações dialógicas. Nele estão sempre presentes ecos e lembranças de outros enunciados, com que ele conta, que ele refuta, confirma, completa, pressupõe e assim por diante. Um enunciado ocupa sempre uma posição numa esfera de comunicação sobre um dado problema (FIORIN, 2006, p. 20-21)..

A concepção dialógica da linguagem proposta por Bakhtin (2006) propõe a relação entre um “eu” e um “tu” nos processos de enunciação. Lembra o autor que o ato da fala não é individual, mas antes, possui um caráter puramente social. Este conceito torna-se bastante relevante para o trabalho com o jornal escolar, uma vez que o aluno produzirá textos para um “outro” interlocutor, estabelecendo, assim, uma prática significativa em seus processos de leitura e produção de textos, com objetivos bem delineados.

A estrutura da enunciação e da atividade mental a exprimir são de natureza social. A elaboração estilística da enunciação é de natureza sociológica e a própria cadeia verbal, à qual se reduz em última análise a realidade da língua, é social. Cada elo dessa cadeia é social, assim como toda a dinâmica da sua evolução. (BAKHTIN, 2006, p. 124)

A interação dos sujeitos processa-se nas atividades cotidianas, por meio do jogo da linguagem, em que locutor e interlocutor constituem-se mutuamente. No universo discursivo, de caráter dialógico, a linguagem possibilita a construção da consciência e a compreensão do mundo através da atividade mental. Desse modo, a enunciação só se realiza “no curso da comunicação verbal, pois o todo é determinado pelos seus limites, que se configuram pelos pontos de contato de uma determinada enunciação com o meio extraverbal e verbal (isto é, as outras enunciações)” (idem, p. 127).

Sabendo-se que os sujeitos existem na relação com o seus pares (o outro), necessário se faz compreender de que maneira o discurso de outrem interfere em sua relação com o mundo. Este caráter polifônico da linguagem dá ao sujeito o atributo do inacabamento, em que ele se constitui na relação eu — outro. Na perspectiva da análise do discurso, o sujeito não é apenas o indivíduo, mas um sujeito socialmente situado, interpelado pela ideologia. Ele não constitui a origem absoluta do sentido, pois em seu discurso manifesta-se o discurso de outrem. No

momento da enunciação, o sujeito nem sempre está ciente de que o que diz não se originou de si mesmo. Para Fiorin (2006)

O sujeito bakhtiniano não está completamente assujeitado aos discursos sociais. Se assim fosse, negar-se-ia completamente a concepção de heteroglossia e de dialogismo, centrais na obra do filósofo. A utopia bakhtiniana é poder resistir a todo processo centrípeto e centralizador. No dialogismo incessante, o ser humano encontra o espaço de sua liberdade e de seu inacabamento. Nunca ele é submetido completamente aos discursos sociais. A singularidade de cada pessoa no "simpósio universal" ocorre na "interação viva das vozes sociais". Nesse "simpósio universal", cada ser humano é social e individual (FIORIN, 2006, p. 28).

Nesse processo de interação, o interdiscurso aponta para uma interdependência das formações discursivas (FD's). O discurso advém de palavras relacionadas a outros discursos que estão presentes na memória, sendo que pela referência à formação discursiva (nem sempre explícita) é possível compreender os possíveis sentidos de um texto. As mesmas palavras podem apresentar significados distintos, a depender da formação discursiva a que pertencem. Assim, o discurso não é totalmente autônomo, uma vez que está ligado a outros discursos, mesmo que indiretamente sem, contudo, adquirir uma identidade fechada. A FD se relaciona com o interdiscurso, conforme o conceito apresentado por Maingueneau (1993):

O interdiscurso consiste em um processo de reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é levada (...) a incorporar elementos pré-construídos, produzidos fora dela, com eles provocando sua redefinição e redirecionamento, suscitando, igualmente, o chamamento de seus próprios elementos para organizar sua repetição, mas também provocando, eventualmente, o apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação de determinados elementos. (MAINGUENEAU, 1993, p. 113).

Nessa perspectiva, toda formação discursiva associa-se a uma memória discursiva, constituída de formulações que repetem, recusam e que transformam outras formulações, constituídas a partir de um conjunto de redes. Nesse processo discursivo que determina as FD's e suas correlações, as palavras adquirem significado de acordo a posição em que são colocadas, pois, "o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas" (ORLANDI, 1999, p. 42).

A heterogeneidade também se estabelece como elemento constitutivo, na medida em que práticas discursivas interpelam-se através da luta ideológica e políti-

ca. O sentido de um discurso dependerá da formação discursiva a que está vinculado, de modo que as FD's são guiadas por formações ideológicas que "impõe o que pensar", determinando assim "o que dizer" através das FD's (FIORIN, 1990, 32).

Considerando-se a heterogeneidade constitutiva e os processos interdiscursivos, o trabalho com o jornal escolar torna-se uma tarefa bastante produtiva, na medida em que os alunos, na busca da liberdade em meio às atividades de leitura e escrita, recorrem a diferentes fontes para a produção dos gêneros jornalísticos, dialogando com seus respectivos discursos e considerando o "tu" que se impõe diante deles, a saber, os interlocutores, leitores da comunidade interna e externa, que deverão expor suas opiniões, tornando o uso da linguagem uma prática significativa entre os pares.

Duas experiências de trabalho com o jornal escolar

No Instituto Federal Baiano (IF Baiano) – Campus Teixeira de Freitas, a proposta iniciou-se no mês de maio de 2014, primeiramente com o trabalho realizado em sala de aula pelos professores e alunos. O projeto intitulado *Informativo do Campus Teixeira de Freitas* foi protocolado e formalizado no mês de julho de 2014 junto ao Núcleo de Extensão do campus. Com esta atitude, foi possível definir algumas estratégias e ações voltadas para a consolidação e desenvolvimento da proposta, articulada às práticas de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, bem como, ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição.

O projeto teve como coordenadores os Professores Mestres João Rodrigues Pinto e Renato Pereira Aurélio, que lecionaram naquele ano os componentes curriculares de Língua Portuguesa, Leitura e Produção de Textos, além de Metodologia Científica. Considerando-se as contribuições destes e de outros componentes, com seus respectivos professores, a proposta se estabeleceu de maneira interdisciplinar, uma vez que requisitou os múltiplos conhecimentos construídos no campus.

Em meio à observação e análise do interesse dos educandos em participar do projeto, foi feita uma consulta, sendo que os seguintes estudantes comprometeram-se a atuar como colaboradores: Miquéias dos Santos Rocha, Luan

de Araújo Rodrigues (1º Ano do Curso Técnico em Florestas Integrado), Pâmella Gonçalves Martins e Steffany Costa Jardim (2º Ano do Curso Técnico em Florestas Integrado, Turma B). Em uma reunião realizada entre os coordenadores e a Direção Acadêmica, foi decidido que as edições teriam periodicidade bimestral. A impressão do informativo seria feita pelo setor gráfico do campus, num quantitativo que atendesse à comunidade interna.

No mês de agosto de 2014, o projeto foi submetido a um edital de fomento à pesquisa, através da Chamada 01/2014 do PIBIC/ CNPq – Ensino Médio, tendo como orientador o Professor Renato Pereira Aurélio e como Bolsistas, os alunos Miquéias dos Santos Rocha (1º Ano – Curso Técnico em Florestas Integrado) e Pâmella Gonçalves Martins (2º Ano B – Curso Técnico em Florestas Integrado). A proposta foi aprovada, com o prazo de vigência de 12 meses (01/08/2014 a 31/07/2015).

No Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) – Campus Montanha, a produção do informativo constituiu-se como uma das ações do projeto *Comunicação, Novas Tecnologias e Protagonismo Juvenil*, coordenado pelos professores Esp. Juliana Junca Zaché e Me Renato Pereira Aurélio e implementado no ano de 2105. Primeiramente foi feita uma consulta aos alunos que desejavam enviar textos para avaliação e possível publicação. Em meio à adesão de uma boa parte dos educandos, foi elaborada a primeira edição do informativo. A impressão foi feita de forma terceirizada, em uma gráfica do município de Montanha, atendendo à comunidade interna e a uma parte da comunidade externa.

Em junho de 2015, foi lançado o edital interno n.º 01/2015, para seleção de 06 colaboradores voluntários. Estes, sob a orientação dos coordenadores, deveriam atuar na pesquisa e elaboração do Informativo do Campus Montanha, a saber, uma das ações do projeto supracitado. Após a seleção, os alunos começaram a participar de reuniões nas quais receberam as devidas orientações, por parte dos coordenadores do projeto, com relação à pesquisa e outros procedimentos. Vejamos no quadro a seguir, a descrição das etapas referentes às duas primeiras edições do informativo no IF Baiano (2014) e no IFES (2015):

Quadro 1: Etapas da produção do jornal no IF Baiano e no IFES

Etapas da produção	1ª Edição		2ª Edição	
	IF Baiano Jun – Jul 2014	IFES Abr – Mai 2015	IF Baiano Ago – Set 2014	IFES Set – Dez 2015
Reunião para seleção das temáticas e produção de textos.	Fev. 2014	Abr. 2015	Mai. 2014	Set. 2015
Seleção de textos recebidos via e-mail.	Mar. 2014	Abr. 2015	Mai. 2014	Set. 2015
Reunião para correção de textos.	Abr. 2014	Abr. 2015	Jun. 2014	Out. 2015
Produção e diagramação do informativo.	Mai. 2014	Abr. 2015	Jul. 2014	Out. 2015
Impressão do jornal.	Jul. 2014	Mai. 2015	Ago. 2014	Nov. 2015
Divulgação do periódico.	Jul. 2014	Mai. 2015	Set. 2014	Dez. 2015
Distribuição de exemplares na comunidade escolar.	Jul. 2014	Mai. 2015	Set. 2014	Dez. 2015
Distribuição de exemplares para a comunidade externa.	Jul. 2014	Mai. 2015	Set. 2014	Dez. 2015

Fonte: Relatórios finais de execução dos projetos, a saber, IF Baiano (2014) e IFES (2015).

Tomando por base metodologias ativas, foi possível verificar que os alunos realizaram as atividades de maneira engajada. Enquanto responsáveis pela produção de textos destinados a interlocutores concretos, observou-se que tal prática mostrou-se verdadeiramente significativa para os pares. Conforme os postulados de Freinet (1974) é preciso avançar em torno das propostas de ensino, através de gêneros relacionados às vivências dos alunos. Do mesmo modo, é preciso aproveitar o potencial dos meios de comunicação (SOBREIRO, 2014). Visando a estabelecer uma proposta contextualizada, voltada para as práticas sociais (KLEIMAN, 2006), foram definidos os seguintes gêneros:

Quadro 2: Apresentação dos gêneros do informativo e suas descrições

GÊNEROS DO INFORMATIVO	DESCRIÇÃO
Cabeçalho	Contém a identificação do jornal, com o nome, edição e informações sobre a instituição
Editorial	Apresenta algumas informações sobre a edição, manifestando seus objetivos e a linha editorial.
Reportagem de Capa	Geralmente constituída por um tema de maior relevância, considerando-se o contexto da produção.
Reportagens Auxiliares	Trazem informações sobre diferentes temas propostos pelos alunos, com descrições e dados.

Artigo de Opinião	Discute um assunto de grande interesse dos educandos, sob a ótica de um aluno ou grupo.
Notícia/ Nota	Tratam-se de descrições mais sintéticas de acontecimentos ou assuntos de interesse dos alunos.
Entrevista	Apresenta o diálogo de um aluno ou grupo com um membro da comunidade interna ou externa.
Charge / Cartum	Texto misto que apresenta uma visão crítica sobre determinado assunto, conforme o contexto.
Resenha	Síntese sobre um livro lido por um aluno ou grupo, contendo suas impressões sobre a obra.
Texto literário	Crônica, poema ou outro gênero do domínio literário que o aluno tenha produzido no contexto de alguma disciplina.
Ficha Técnica	Lista dos nomes e funções dos alunos que atuaram em cada edição, além de um e-mail para contato.

Fonte: Relatórios finais de execução dos projetos, a saber, IF Baiano (2014) e IFES (2015).

Com relação ao Projeto *Informativo do Campus Teixeira de Freitas* A primeira edição (junho – julho de 2014), lançada em meados do mês de junho, em ocasião do encerramento da I Unidade, contou com a participação efetiva dos 23 alunos do 2º Ano B (Curso Técnico em Florestas Integrado). A turma foi dividida em grupos para que pudessem produzir os textos dos gêneros que circulam no suporte jornal. Para isso, foi realizado um sorteio dos gêneros textuais para os grupos. Posteriormente, foram realizados encontros para orientação dos alunos quanto aos temas e fontes para pesquisa, bem como, para revisões e reescrita dos textos. De maneira que na versão final do informativo, tivemos o seguinte resultado:

Quadro 3: Distribuição dos gêneros e autores na 1ª edição (IF Baiano)

GÊNERO TEXTUAL	TÍTULO	AUTOR
Artigo de Opinião	Política e cidadania na Escola: a importância do primeiro voto	Giovanna França Bispo da Gama Luana Lima de Oliveira Luisa Souza Amaral Thafny Moreira Fernandes
Charge	Fique esperto	
Crônica	Teixeira de Freitas: 29 anos de emancipação	Daniel de Sousa Serapião Gabriel Correia da Silva Joao Eduardo de Souza Neto Sabrina Barreto Soprani
Reportagem Auxiliar	Um pouco sobre a Copa do Mundo - 2014	Gabriel Rodrigues Coelho Lucas Moreira Borges Júnior Paulo Sérgio da Silva Júnior
Artigo de opinião	Importância da educação para a formação do indivíduo	Gean Carlos R. da Silva Souza Juliana Lima Petersen Larissa Almeida Costa
Reportagem Auxiliar	Cultura é tudo: Um giro pela biblioteca	André de Oliveira Almeida Pâmella Gonçalves Martins Rafael Thales da S. Magalhães

Resenha	Dica literária	
Reportagem Auxiliar	Um pouco sobre a história do Campus	Istayane Tigre Silva Layane Brito Barbosa Steffany Costa Jardim
Entrevista	Entrevista ao Diretor Geral Marcelito Trindade de Almeida	Kethlin de Carvalho S. Romão Matheus Italo Bomfim Aragão Ytallo Matheus Martins Santos

Fonte: 1ª Edição do Informativo do Campus Teixeira de Freitas

Para tentar demonstrar como o trabalho com o jornal foi importante para os alunos, é apresentado, a seguir, um dos textos que compõe a 1ª Edição do *Informativo do Campus Teixeira de Freitas*. Trata-se de um artigo de opinião, apesar de ter sido escrito por três alunos, devido a questões metodológicas, como a separação dos grupos, conforme o gênero e o tema escolhidos.

Figura 1: Texto selecionado para análise

POLÍTICA E CIDADANIA NA ESCOLA: A IMPORTÂNCIA DO PRIMEIRO VOTO

por Giovanna Gama, Luana Lima, Luisa Amaral e Thafny Fernandes



Educação e cidadania são expressões diretamente ligadas à questão política. Ao educar o cidadão para este processo, é preciso estimulá-lo a "abrir os olhos" para a criticidade. Ao estudarmos sobre a cidadania, precisamos refletir sobre a política, em meio ao sistema democrático de direito. Quando falamos em política na escola, nós não estamos nos referindo à política partidária, pois esta deve ser estabelecida em espaços e ambientes adequados.

A escola é o ambiente propício para as discussões sobre o bem comum, deveres e direitos do cidadão, da coletividade e da comunidade. Ou seja, por participar do processo social, torna-se um espaço legítimo para a discussão política, inclusive através do currículo, mas sem interesse partidário. A democracia só se estabelecerá plenamente quando os indivíduos abandonarem uma postura alienada e assumirem seus papéis como autores de transformações sociais.

Daí a importância das ações no ambiente estudantil. Problemas sociais, escolha dos nossos representantes, sustentabilidade, diversidade e outros temas devem ser discutidos e apreciados, com o objetivo de proporcionar a interação dos educadores e alunos sobre cada evento histórico e político, analisando-se as demandas necessárias ao bem da coletividade. Através das vivências plurais, os estudantes passam a praticar a cidadania social e política.

Com efeito, um dos momentos mais marcantes na vida do cidadão corresponde à efetivação do 1º Voto, em que, o indivíduo torna-se parte da coletividade, capaz de eleger seus representantes. Sendo a participação facultativa, a partir dos 16 anos, e obrigatória, a partir dos 18, cabe a cada um de nós, refletir sobre o significado na nossa ação perante à urna no momento de realizarmos nossa escolha. Afinal, neste momento, precisamos exercitar, mais do que nunca, os conceitos de cidadania, democracia e criticidade, experimentados no ambiente escolar.

Fonte: <http://www.expressomt.com.br/uploads/2012/03/23/10572692ec19870914e754867a946a.jpg>

Fonte: 1ª Edição do Informativo do Campus Teixeira de Freitas

A liberdade dos enunciadores para escolherem o tema abordado no artigo de opinião revela, de início, uma postura crítica e situada, delineando uma formação discursiva voltada para a participação política na escola e na sociedade. Neste caso, as condições sócio-históricas e ideológicas que permitiram a enunciação referem-se, por um lado, à defesa do 1º voto dos estudantes (adolescentes) como forma de exercer a cidadania e, por outro, à iminência das eleições presidenciais, em que seria reeleita a presidenta Dilma Rousseff.

O conhecimento construído na escola é pré-requisito para uma cidadania democrática. Tais pressupostos estão evidentes no texto dos alunos. O artigo de opinião demonstra, ainda, o caráter dialógico da linguagem, como preceitua Bakhtin (2006). Isto porque a enunciação (ou as enunciações) subjacente ao texto reivindica a presença de um “tu”, a saber, o interlocutor, que analisará a produção, a partir das suas convicções, que podem estar vinculadas ou não à formação discursiva presente no texto.

Quanto ao Informativo do Campus Montanha, a primeira edição (abril – maio 2015) foi lançada no início de maio, em ocasião de um evento realizado em Pinheiros – ES, com a participação do Campus Montanha. Contou com a participação efetiva dos alunos, que enviaram seus textos para revisão e avaliação para publicação. Posteriormente, foram realizados encontros para orientação dos interessados, com revisões e reescrita dos textos.

A partir da segunda edição (setembro – dezembro 2015), já com o grupo de colaboradores selecionado, a produção do informativo ficou sob o encargo dos alunos Eloiza Rocha Barros, Eduardo Ribeiro da Silva Ávila, Izabela Rodrigues Cajaiba (2º ano), Rayelle Pancieri Lima, Kelly de Souza Albani e Beatriz de Oliveira Neres (1º ano). Os discentes ficaram responsáveis por produzir e corrigir os textos a serem utilizados no informativo, organizar a ordem dos textos, montar o informativo, e após a impressão do mesmo, distribuir para a comunidade interna do campus e para alguns espaços comerciais do município. O resultado foi o seguinte:

Quadro 4: Distribuição dos gêneros e autores na 2ª edição (IFES)

GÊNERO TEXTUAL	TÍTULO	AUTOR
Reportagem de capa	Ifestival movimenta o campus Montanha com muita música, teatro, dança e poesia	Orientadores do projeto
Reportagem Auxiliar	Uma viagem pelo mundo da história e da literatura na visita técnica a Ouro Preto e Mariana, em Minas Gerais	Eloiza Rocha Barros - 2º Ano do Curso Técnico em Administração
Reportagem Auxiliar	Turma do Curso Técnico em Agropecuária realiza visita técnica em Santa Maria de Jetibá	Beatriz Neres - 1º Ano do Curso Técnico em Agropecuária
Reportagem Auxiliar	Diretoria do Grêmio Estudantil “Paulino Francisco Prates” desenvolve projeto voltado para A musicalidade	Igor Moraes - 2º Ano do Curso Técnico em Administração
Notícia	Café com Organelas: Biologia de forma divertida e comestível!	Kelly Albani - 1º Ano do Curso Técnico em Administração
Entrevista	Diretor André dos Santos Sampaio fala sobre as perspectivas para o Campus Montanha	Rayelle Pancieri Lima - 1º Ano do Curso Técnico em Administração

Fonte: 1ª Edição do Informativo do Campus Montanha

A partir dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos do IFES, foi selecionado um texto que compõe a 2ª Edição do *Informativo do Campus Montanha* para a análise. A reportagem produzida por uma das alunas colaboradoras é representativa do caráter dialógico da linguagem. A produção evidencia, como já mencionado, as vantagens de se trabalhar os processos de leitura e produção de textos a partir de atividades concretas.

FIGURA 2: Texto selecionado para análise

UMA VIAGEM PELO MUNDO DA HISTÓRIA E DA LITERATURA NA VISITA TÉCNICA A OURO PRETO E MARIANA, EM MINAS GERAIS

por Eloiza Rocha Barros (2º Ano do Curso Técnico em Administração – i1)

Entre os dias 19 e 22 de agosto de 2015, os alunos do 2º Ano do IFES - Campus Montanha realizaram uma viagem às cidades históricas de Mariana e Ouro Preto, situadas no estado de Minas Gerais. Tratou-se de um projeto interdisciplinar que envolveu as disciplinas de Artes, História e Literatura. As pessoas responsáveis por esse projeto e por acompanharem a visita foram os professores Adilson Silva Santos (História) e Juliana Junca Zaché (Português/Literatura), além dos servidores Pedro Riquette e Ludmila Pereira.

Dois dos principais objetivos do projeto e dessa visita foram: relacionar o contexto histórico e literário que foi aprendido em sala de aula, a partir do contato direto com essa realidade; e conhecer o acervo histórico, cultural e artístico das cidades de Ouro Preto e Mariana, vendo o quanto é importante a preservação desses lugares.

Em todo momento pôde-se perceber a presença da arte barroca e árcaica. Os alunos tiveram contato com as igrejas, esculturas e pinturas barrocas. Com relação à Língua Portuguesa, especificamente literatura, visualizaram alguns poemas, dentre os quais, a obra original *Marília de Dirceu* (Tomás Antônio Gonzaga), cartas de alforria e sentenças de morte, como a que ordenou o esquartejamento de Tiradentes.

Foram muitas informações recebidas através dos guias dos lugares visitados. Em História, viram como era a vida sofrida dos escravos e dos mineradores, conheceram as senzalas, viram como era a vida dos inconfidentes, além de estar em contato com informações de momentos decisivos da História do Brasil.

Os locais visitados em Mariana foram a Catedral da Sé, o museu Arquidiocesano, as Igrejas Gêmeas e a Câmara Municipal de Mariana (antiga cadeia). Já em Ouro Preto, visitaram a Matriz Nossa Senhora do Pilar (segunda igreja mais rica do Brasil), o Museu da Arte Sacra (dentro da Matriz), a Casa dos Contos, a Mina de Ouro Jejê, a Igreja São Francisco de Assis, o Museu do Oratório, o Museu de Mineralogia e o tão esperado Museu da Inconfidência. Os alunos do 2º Ano ficaram muito satisfeitos por terem vivenciado essa experiência, e por terem adquirido mais conhecimentos, que contribuíram para o seu próprio crescimento.

Fonte: 2ª Edição do Informativo do Campus Montanha

Na reportagem escrita pela aluna é possível verificar o potencial da linguagem escrita vinculada às práticas sociais, na medida em que produziu um texto a partir de uma atividade concreta por ela experienciada, já que também participou da viagem. Kleiman (2006) defende que o trabalho da escola parta justamente da interação, através de gêneros que circulam socialmente. Com efeito, a experiência da aluna foi significativa e preponderante para o resultado da escrita.

No texto é possível identificar a materialização de diferentes discursos, como o histórico. Ao descrever os passos da visita, o enunciador traz à tona diferentes vozes, relacionadas às respectivas formações discursivas. Ao mencionar os escravos, resgata um conhecimento sobre o período obscuro vivenciado pelo país e pela humanidade. Ao citar as igrejas e o museu de arte sacra, evidencia algumas características da colonização portuguesa, que trouxe para o Brasil o catolicismo. A reportagem revela o interdiscurso, em que as FD's incorporam elementos pré-construídos, produzidos fora dela, estabelecendo, muitas vezes, sua redefinição ou redirecionamento (MAINGUENEAU, 1993).

Conclusão

Ao final deste estudo, reitera-se a proposição do jornal escolar como dispositivo metodológico para o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, visto que este suporte textual congrega diversos gêneros, com os quais o estudante depara-se no dia a dia. Considerando-se o caráter funcional do jornal, enquanto recurso midiático, sua utilização pode favorecer uma prática de ensino voltada para a interação.

Considerando-se os quadros que apresentam os textos desenvolvidos no IF Baiano (1ª Edição) e no IFES (2ª Edição), pode-se dizer que na primeira experiência a atividade foi mais produtiva, em termos de gêneros textuais produzidos. Isso se deva ao fato de que, no IF Baiano, o primeiro informativo foi elaborado por uma turma inteira, com a divisão de grupos, por gênero discursivo. A partir da segunda edição, o trabalho ficou sob responsabilidade dos orientadores e dos dois bolsistas do CNPq.

No IFES, por sua vez, o trabalho vem sendo desenvolvido, desde o início, com os alunos voluntários, selecionados através de edital interno. Neste sentido, as duas propostas analisadas foram relevantes, sendo a principal diferença entre ambas, o número de alunos beneficiados. Uma maior ou menor quantidade de alunos implica estratégias específicas para garantir a coesão e bons resultados.

Nos trabalhos aqui apresentados foi possível observar a presença dos conceitos abordados pelos autores que embasam o estudo. Assumimos, assim, o posicionamento de Freinet (1974) e de Bonini (2011), que advogam pela adoção do jornal escolar como elemento didático. O caráter social da linguagem subjacente aos textos produzidos pelos alunos manifesta-se em todos os momentos, desde as reuniões para a seleção de temas até a distribuição dos informativos nas comunidades interna e externa.

Ao colocar o outro diante de si, em termos de um dialogismo proposto por Bakhtin (2006), o aluno é motivado a produzir textos que serão apreciados por leitores reais (colegas, familiares, comerciantes locais etc.). Desde os processos de leitura e pesquisa em diferentes fontes, até a produção dos textos e a distribuição do informativo, muitos são os discursos que se entrecruzam, revelando a polifonia, a interdiscursividade e a heterogeneidade constitutiva da linguagem.

Referências

AURÉLIO, Renato Pereira. **Práticas de Leitura e Produção Textual: Por uma abordagem Sociointerativa.** In: BATISTA, Adriana Santos et al (orgs). *Linguística e Ensino de Língua Portuguesa*. São Paulo: Opção, 2014a.

_____. **O Jornal Escolar como estratégia para a produção de textos através do Informativo – Campus Teixeira De Freitas.** In: IV Seminário de Pesquisa e Extensão do Sul da Bahia: Perspectivas de Formação na Contemporaneidade. UNEB – Campus X, 2014. Anais... Teixeira de Freitas-BA, 2014b (CD).

BAKHTIN, Mikhail (V.N. Volochínov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita.** São Paulo: Cortez, 2006.

BONINI, Adair. **Jornal escolar: gêneros e letramento midiático no ensino-aprendizagem de linguagem.** RBLA, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 149-175, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio.** Brasília: MEC/SEF, p.1-23, 2000. Acesso em 18 abr 2016.

FARIA, Maria Alice. **O jornal na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2006.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia.** 2. Ed. São Paulo: Ática, 1990.

_____. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Ática, 2006.

FREINET, C. **O Jornal escolar.** Lisboa: Estampa, 1976.

KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas: Mercado de Letras, 1995.

_____. **Leitura e prática social no desenvolvimento de competências no ensino médio.** In: Bunzen, C. & Mendonça, M. *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise do discurso.** 2. ed. São Paulo: Pontes Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade.** In: *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucena, 2003.

_____. **A questão do suporte dos gêneros textuais.** Mimeo, 2003.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes, 1999.

RODRIGUES, R. H. **Pesquisa com os gêneros do discurso na sala de aula: resultados iniciais**. Acta Scientiarum: language and culture, v. 30, p. 169-175, 2008. Disponível em: <www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/index>. Acesso em 18 abr 2016.

SOBREIRO, Marco Aurélio. **Célestin Freinet e Janusz Korczak**, precursores do jornal escolar. 2010. Disponível em <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/86.pdf>>. Acesso em 05 jul de 2014.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

UNICEF. **Jornal Escolar: uma ferramenta para aprender e participar**. Folha Educativa: 2008 <http://www.comcultura.org.br/wp-content/uploads/2009/07/folha-educativa-jornal-escolar.pdf>
Acesso em 18 abr 2016.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 05/2018

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

www.facebook.com/revistavozesdosvales

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu*

(Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,

em diversas áreas do conhecimento.